

O INÍCIO DA TRAJETÓRIA POLÍTICA DE LEONEL BRIZOLA NO RIO DE JANEIRO: A CAMPANHA ELEITORAL PARA DEPUTADO FEDERAL NA GUANABARA (1962).

GRAZIANE ORTIZ RIGHI*

Resumo: No início da década de 1960, um dos mais emblemáticos políticos do cenário brasileiro mudava seu local de atuação: Leonel de Moura Brizola partia do seu estado natal, o Rio Grande do Sul, rumo à Guanabara para disputar o cargo de deputado federal pelo novo estado. Embora Brizola tenha obtido a maior votação da época, este período é pouco estudado, assim pretendemos aprofundar essa temática. Neste artigo apresentaremos a campanha eleitoral de Brizola em 1962. Este período foi marcado por intensa mobilização política e social, sendo barrado pelo golpe civil-militar de 1º de abril de 1964. Tornando este contexto ainda mais pertinente para análise.

Palavras-chaves: Leonel Brizola. Campanha Eleitoral. Pré-Golpe.

Resumen: En el inicio de la década de 1960 uno de los políticos más emblemáticos del ambiente brasileiro cambiaba su lugar de actuación: Leonel de Moura Brizola partía de su estado natal, Río Grande do Sul, rumbo a Guanabara para disputar el cargo de diputado federal del nuevo estado. Aunque Brizola tuvo la mayor votación de la época, este período fue poco estudiado, así que pretendemos profundizar esa temática. En este artículo presentaremos la campaña electoral de Brizola en 1962. Este período fue marcado por una intensa movilización política y social, siendo interrumpido por el golpe civil-militar del 1º de abril, haciendo este contexto todavía más oportuno para el análisis.

Palabras claves: Leonel Brizola. Campaña Electoral. Pre-Golpe.

Introdução

Leonel de Moura Brizola foi um político emblemático do início dos anos 1960, década marcante para a história brasileira, quando foi deflagrado o golpe civil-militar. Brizola tinha uma atuação importante no cenário político nacional desse período, especialmente após a Campanha da Legalidade, em 1961. Visando, então, consolidar sua projeção nacional para uma provável candidatura à presidência em 1965, Brizola, após receber convite do diretório

Artigo recebido em 23 de julho de 2014 e aprovado para publicação em 19 de agosto de 2014.

* Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, bolsista FAPERGS/CAPES. Contato: grazi.ortiz@gmail.com

petebista carioca, decide concorrer à Câmara dos Deputados pelo novo estado da Guanabara. Desse modo inicia sua trajetória política no Rio de Janeiro, de forma tão consolidada que, mesmo após quinze anos de exílio, Leonel Brizola se consagrou governador do estado nas primeiras eleições diretas, em 1982, após o golpe. Portanto pesquisar os primeiros passos desse sul-riograndense no Rio de Janeiro torna-se pertinente.

Em relação aos estudos sobre Brizola, existem alguns trabalhos que analisam seu governo no Rio Grande do Sul, entre 1959 e 1963¹, durante seu exílio² e após sua volta, em 1979, quando se fixou no estado do Rio de Janeiro, e, por fim, no tempo em que foi governador desse estado por dois mandatos (1983-1987 e 1991-1994)³. Entretanto, o momento em que foi eleito deputado federal pela Guanabara, em 1962, obtendo a maior votação da época (cerca de 269 mil votos) e seu curto mandato, até o golpe de 1964, ainda são pouco estudados. Nesse sentido, este artigo visa contribuir com a historiografia apresentando algumas conclusões sobre a análise da campanha eleitoral de Leonel Brizola no pleito de 1962.

Nesse momento, Brizola detinha uma força política importante dentro da sua agremiação partidária, o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Além disso, ele tornou-se, gradativamente, um dos líderes da esquerda nacionalista que pressionava o presidente João Goulart, seu cunhado, a aprovar as Reformas de Base, caracterizando um momento de grande mobilização política e social. Podemos afirmar que o golpe de 1964 foi dado para frear este movimento e, por tal motivo, pesquisar as atitudes dos envolvidos neste contexto se torna

¹ Para este tema, ver: HARRES, Marluza Marques. Conflito e conciliação no processo de reforma agrária do banhado do colégio. Camaquã, RS. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002; QUADROS, Claudemir de. As Brizoletas cobrindo o Rio Grande: a educação pública no Rio Grande do Sul durante o governo de Leonel Brizola (1959-1963). Santa Maria: Editora UFSM, 2003; MIRANDA, Samir Perrone. Projeto de desenvolvimento e encampações no discurso do governo Leonel Brizola: Rio Grande do Sul (1959-1963). Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006; ROLIM, César. Leonel Brizola e as forças subalternas das Forças Armadas brasileiras: 1961-1964. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

² Sobre o exílio temos obras mais genéricas, mas que também tocam na situação de Leonel Brizola: BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. Brizola e o Trabalhismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979; CAPITANI, Avelino Bioen. A rebelião dos marinheiros. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997; FREIRE, Américo. Ecos da estação Lisboa. O exílio das esquerdas brasileiras em Portugal. In: Sociologia, problemas e práticas, n° 64, 2010, p. 37-57; MARQUES, Teresa Cristina Schneider. Ditadura, exílio e oposição: os exilados brasileiros no Uruguai (1964-1967). Cuiabá, 2006. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Mato Grosso; RODEGHERO, Carla Simone. Brizola e Jango no exílio e a luta pela anistia. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

³ SOUZA, Amaury de; LIMA Jr., Olavo Brasil de; FIGUEIREDO, Marcus. Brizola e as eleições de 1982 no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Iuperj, 1985; RIBEIRO, Darcy. O livro dos Cieps. Governo Leonel Brizola. Um governo que faz escola. Rio de Janeiro: Bloch, 1986 e SENTO-SÉ, João Trajano. Brizolismo: estetização da política e carisma. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

fundamental para contribuir na compreensão das razões que levaram à efetivação do golpe. A figura do deputado Leonel Brizola ganha destaque, especialmente por suas atitudes radicais e as tentativas de enfrentamento, mesmo que em sua maior parte verbais, contra as forças golpistas, civis ou militares. Dentro dessa perspectiva, é importante compreender que sua campanha ao Congresso pelo estado da Guanabara, ao que tudo indica almejando concorrer à presidência em 1965, foi um fato político que amedrontou, ainda mais, os setores conservadores mobilizados contra as reformas e o governo Goulart.

Para atingirmos nosso objetivo foram utilizadas como fontes jornais, quais sejam: os matutinos *Jornal do Brasil* e *Correio da Manhã*, de circulação na Guanabara⁴ e *Correio do Povo* e *Última Hora*, jornais de destaque no Rio Grande do Sul.⁵ Consultamos precisamente os meses anteriores às eleições de outubro de 1962, ou seja, julho a outubro de 1962. Optamos por esses periódicos por serem de grande circulação e aceitação dos leitores na época.⁶ A pesquisa não tem como objetivo direto analisar o posicionamento dos jornais frente às ideias de Leonel Brizola, apesar de termos conhecimento de que cada órgão de imprensa, em geral, constitui um veículo direcionado de formação de opinião pública⁷. Assim, a pesquisa apresenta um estudo sobre a História na imprensa, ou seja, os jornais como fonte empírica e não como objeto de análise em si. Buscamos também informações na entrevista de José Talarico concedida ao CPDOC. Talarico, à época, era secretário da comissão executiva do PTB.

De Distrito Federal a estado: surge a Guanabara

Torna-se pertinente conhecermos o cenário político da Guanabara no momento das eleições para compreendermos melhor as diretrizes tomadas pelo partido e pelo candidato

⁴ Estes jornais estão digitalizados e disponíveis no sítio da Fundação da Biblioteca Nacional, setor Hemeroteca Digital Brasileira, no seguinte link: <http://hemerotecadigital.bn.br/>.

⁵ Estes jornais estão disponíveis no acervo de imprensa do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, localizado em Porto Alegre.

⁶ É importante destacar que os jornais analisados até o momento não trataram exclusivamente da campanha de Leonel Brizola com suas estratégias políticas ou suas propostas eleitorais, pois, obviamente não era este o objetivo das publicações. Não cabia a eles fazer propaganda política dos candidatos. O que foi possível encontrar foram notícias sobre os atos de Brizola que de forma indireta estavam relacionados à sua campanha eleitoral. A falta de divulgação da campanha nos jornais selecionados, com panfletos apresentando propostas, por exemplo, foi uma opção do governador gaúcho que priorizou o rádio como veículo propulsor de suas ideias, como demonstraremos ao longo do texto.

⁷ Os jornais *Correio do Povo*, *Jornal do Brasil* e *Correio da Manhã*, se posicionavam contrários às ideias de Leonel Brizola, enquanto a *Última Hora* apoiava o trabalhista. É importante destacar que o jornal *Última Hora* de Porto Alegre não fez uma grande cobertura da candidatura de Leonel Brizola. O jornal destacava mais a atuação de Brizola no estado do Rio Grande do Sul enquanto governador.

Brizola. Em 1960, com a inauguração de Brasília, depois de longos anos a cidade do Rio de Janeiro deixava de ser capital do Brasil tornando-se estado da Guanabara. A decisão aprovada pela lei n.º 3.752 também previa a indicação de um governador provisório e a realização de eleições para o governo estadual e a Assembleia Constituinte, composta por trinta cadeiras, em 3 de outubro de 1960. Em termos de arrecadação, a mudança gerou grandes perdas, enquanto que a influência política da ex-capital federal também sofreu impacto, todavia ainda mantinha destaque no cenário nacional.

A criação do novo estado foi na verdade resultado de lutas travadas pela elite carioca para realizar um antigo sonho: conquistar a autonomia política e afastar a influência do governo federal. Assim, se o fato de deixar de ser capital podia deixar saudades, ser Guanabara representava conquistar um novo *status* na federação. Além disso, as elites cariocas imediatamente se mobilizaram nas esferas jurídica, cultural e política para conquistar um novo lugar: o Rio como capital cultural do país.⁸

O escolhido por Juscelino Kubitschek como governador provisório foi o chefe da Casa Civil da Presidência, José Rodrigues Sette Câmara. A Lei San Tiago Dantas também estabelecia a formação do primeiro Poder Legislativo do novo estado: seria composto pela Câmara de Vereadores do ex-Distrito Federal, formada por 50 membros eleitos em 3 de outubro de 1958, para um mandato de quatro anos. Após a promulgação da nova Constituição, os deputados constituintes e os vereadores da antiga Câmara Distrital Federal comporiam a nova Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara (ALEG) até o final de seus mandatos, em 31 de janeiro de 1963.

A Constituição foi promulgada em 27 de março de 1961, e definiu-se o impedimento da integração dos vereadores do ex-Distrito Federal à Assembleia Legislativa, contrariando a lei San Tiago Dantas. Desse modo, na legislatura 1960 a 1963, a ALEG foi composta apenas pelos 30 deputados constituintes, e só a partir da segunda legislatura, de 1963 até 1967, passa a ter 55 deputados, o equivalente a um para cada vinte mil eleitores do estado habilitado no pleito anterior.⁹

Com relação à primeira eleição para o executivo da Guanabara o candidato vitorioso foi um político já conhecido do eleitorado carioca: Carlos Frederico Werneck de Lacerda. Carlos Lacerda, que também era jornalista, participou de momentos marcantes da história brasileira: em 1954 travou dura campanha contra Getúlio Vargas gerando uma grave crise que

⁸ MOTTA, Marly Silva da. Guanabara, o estado-capital In: FERREIRA, Marieta (coord.). *Rio de Janeiro: uma cidade na história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. p, 11-12.

⁹ Dados retirados do sítio da Assembleia Legislativa do estado do Rio de Janeiro.

levou ao suicídio do presidente; em 1955 participou da conspiração que visava impedir a posse do presidente eleito Juscelino Kubitschek e em 1961, após a renúncia do presidente Jânio Quadros, apoiou os ministros militares na ação contra a posse do vice-presidente João Goulart. Por essas atuações ficou conhecido como “o demolidor de presidentes”.

A eleição de 1960 mostrou-se muito importante para os cariocas, pois foi a primeira vez que o eleitorado iria escolher, por via direta, o seu governante. No entanto, o desafio mais importante seria o de construir uma relação de identidade com o novo estado, que acabara de perder, pelo menos de direito, o lugar de capital que ocupara por mais de um século.¹⁰

Durante sua campanha, Carlos Lacerda queria preservar o lugar especial que a Guanabara tinha na federação reafirmando o papel do novo estado como “vitrine da nação”. Sua intenção era fortalecer as bases para concorrer à presidência nas eleições de 1965. Desse modo:

O espaço político que a posição de governador desse estado ímpar lhe garantia não podia ser perdido, já que representava uma vantagem em relação a candidatos de outras regiões. A Guanabara era ainda o mais importante palanque eleitoral do país.¹¹

Além de Lacerda, que contou com o apoio dos pequenos partidos PR, PL, PDC e PTN, concorreram também Ângelo Mendes de Moraes¹², pelo PSD, Sérgio Magalhães¹³, do PTB coligado ao PSB, e Tenório Cavalcante¹⁴, do PST coligado ao PSP, que acabou

¹⁰ MOTTA, Marly Silva da; FREIRE, Américo; SARMENTO, Carlos Eduardo. *A política carioca em quatro tempos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 136.

¹¹ MOTTA, Marly Silva da. Guanabara, o estado-capital In: FERREIRA, Marieta (coord.). *Rio de Janeiro: uma cidade na história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000, p. 99.

¹² Entusiasmado com a possibilidade de realmente eleger-se governador, Mendes de Moraes não aceitaria a proposta de renunciar em favor do candidato petebista e consolidou-se como postulante oficial do PSD para o pleito na Guanabara. (SARMENTO, Carlos Eduardo. *O espelho partido da metrópole: Chagas Freitas e o campo político carioca (1950-1983): liderança, voto e estruturas clientelistas*. Rio de Janeiro: Folha Seca: FAPERJ, 2008, p. 89).

¹³ Sérgio Magalhães era pernambucano, fundador da Frente Parlamentar Nacionalista e político capaz de polarizar os debates com Lacerda. Apesar de sua aceitação por parte das principais lideranças pessedistas cariocas, Sérgio não conseguiria contar com o apoio formal da legenda do PSD na campanha. (SARMENTO, 2008, p. 89). Sobre a Frente Parlamentar Nacionalista (FPN): era um movimento suprapartidário organizado no Parlamento que objetivava levar o Congresso Nacional a aprovar projetos de lei cujo conteúdo fosse nacionalista e reformista. Agregou deputados e senadores de diferentes partidos políticos. Seus trabalhos começaram ainda na década de 1950 e se estenderam até o início dos anos 1960. (DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *Frente Parlamentar Nacionalista: utopia e cidadania*. Revista Brasileira de História, São Paulo/ ANPUH, v.27, 1994).

¹⁴ Migrante alagoano em busca de trabalho na capital, Natalício Tenório Cavalcanti se instalara no município de Duque de Caxias em 1927. Iniciou sua carreira política elegendo-se vereador no município de Nova Iguaçu em 1936. Em 1945, filiou-se à UDN, sendo eleito, em 1947, para a Assembleia Constituinte do estado do Rio de Janeiro e, em 1950, para a Câmara dos Deputados. Afastou-se da UDN nas eleições de outubro de 1958. Sua candidatura ao governo da Guanabara pelo PST ancorava-se na percepção da rejeição dos setores populares a Lacerda e do espaço aberto pela desagregação das bases populares do PTB aliado a um discurso nacionalista e

surpreendendo quanto o número de votos alcançados. Segundo Motta, ocorreu uma divisão do eleitorado de esquerda entre Magalhães e Tenório, o que acabou favorecendo a vitória de Lacerda, mesmo que apertada, pois o candidato do PST tirou votos petebistas nas áreas mais populares: “afinal, Tenório conquistou mais da metade dos seus 222.659 votos na Penha, Irajá, Madureira, Pavuna, Anchieta, Jacarepaguá, Inhaúma, Realengo, Campo Grande e Santa Cruz, áreas que costumavam votar nos candidatos trabalhistas”.¹⁵

Com relação aos deputados constituintes eleitos, a configuração ficou a seguinte: nove da UDN, seis do PTB, quatro do PSD, dois do PSB, dois PSP, dois do PR, dois do PRT, dois do PTN e um do PDC. A política nos primeiros anos da Guanabara deve-se, em grande parte, ao papel de Carlos Lacerda. Para Marly Motta:

(...) o forte viés personalista do governador, que chamava a si a responsabilidade das decisões administrativas, era reforçado pela sua equipe de governo, ‘técnica’ e ‘despolitizada’. Sob pretexto de por fim à ‘politicagem’, a composição do seu secretariado raramente resultou da disposição de incorporar quadros da UDN ou de prestigiar a ALEG.¹⁶

Esse perfil centralizador de Carlos Lacerda dificultava sua relação com a Assembleia Legislativa, sendo acusado de mostrar-se indisposto a negociar, não realizando articulações políticas. Outro fator de desestabilização foi a decisão da Assembleia Constituinte de não incorporar os antigos vereadores do Distrito Federal à nova casa legislativa, assim, alguns nomes do PSD, que o governo contava entre seus prováveis aliados, foram retirados do cenário político. Pode-se afirmar que a polarização entre “esquerda” e “direita” foi a tônica do debate político carioca nos primeiros anos de 1960, em consonância com o cenário nacional.

As eleições seguintes, que ocorreram durante o mandato de Carlos Lacerda evidenciaram as dificuldades que o governador vinha enfrentando com o legislativo. A nova composição da Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara (Aleg), eleita em 7 de outubro de 1962, também não favoreceu a montagem de uma sólida maioria governista. Foi

anticomunista. Além disso, diferentemente dos seus maiores concorrentes na campanha, Lacerda e Magalhães, que eram oriundos de famílias de prestígio político e social, Tenório fazia questão de frisar que tivera uma origem humilde, como, aliás, a maior parte do povo que ele queria governar. Informações retiradas de MOTTA, 2004, p. 135, 135 e SARMENTO, 2008, p. 91, 92. Para maior aprofundamento da trajetória política de Tenório Cavalcanti ver Beloch, Israel. *Capa preta e Lurdinha: Tenório Cavalcanti e o povo da baixada*. Rio de Janeiro: Record, 1986.

¹⁵ MOTTA, Marly Silva da; FREIRE, Américo; SARMENTO, Carlos Eduardo. *A política carioca em quatro tempos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 142.

¹⁶ MOTTA, Marly Silva da. Guanabara, o estado-capital In: FERREIRA, Marieta (coord.). *Rio de Janeiro: uma cidade na história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000, p. 29.

justamente nesta eleição que se elegeu como deputado federal Leonel de Moura Brizola, que também definiu a escolha de 55 deputados estaduais, 21 deputados federais, dois senadores e o vice-governador.

Enfim, de Distrito Federal o Rio de Janeiro passou a estado da Guanabara. Séculos como a principal cidade do Brasil, a mudança de status político afetou os cariocas, todavia, o novo estado não perderia facilmente sua condição de maior palanque eleitoral do país, permanecendo uma forte presença do governo federal e da política nacional. É justamente nesse novo cenário político e organizacional que Brizola atuará nos últimos anos anteriores ao golpe, ele consolidará sua projeção nacional e construirá bases sólidas para sua volta do exílio.

A escolha pela Guanabara

Em 1962, conforme definido na Constituição de 1946, os governadores só poderiam candidatar-se a cargos parlamentares, sem se desincompatibilizar das funções do executivo estadual, se a candidatura ocorresse em outros estados que não aquele no qual exercia a chefia do governo¹⁷. Brizola visualizou uma boa estratégia para a continuidade de sua carreira política, então, a partir de um convite, decidiu que iria concorrer pelo PTB do Paraná ao cargo de deputado federal. A legenda estadual lhe garantiu a possibilidade de cem mil votos, já que no estado tinha uma expressiva colônia gaúcha.¹⁸ Entretanto, havia outra possibilidade.

Em entrevista concedida ao CPDOC, José Gomes Talarico, então secretário da comissão executiva do PTB carioca, contou que o partido já vinha há algum tempo buscando alternativas para enfrentar Carlos Lacerda, da UDN. Mesmo antes da formação do estado da Guanabara, o partido buscava se “caracterizar como força antagônica à UDN e anti-Lacerda”.¹⁹

Cabe esclarecermos algumas premissas sobre o PTB carioca. O partido era controlado por Lutero Vargas, filho de Getúlio Vargas, desde os anos 1950, quando se atentou que a agremiação deveria ser comandada por alguém da família ou ligado a ela por afinidades pessoais, objetivando, assim, o personalismo característico do partido desde a sua fundação. A

¹⁷ VERSIANI, Maria Helena. *Padrões e práticas na política carioca: os deputados federais eleitos pela Guanabara em 1962 e 1970*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007, p. 81.

¹⁸ TALARICO, José Gomes. José Gomes Talarico I (depoimento, 1978/1979). Rio de Janeiro, CPDOC, 1982. p. 112.

¹⁹ *Idem*, p. 111.

ascensão de Lutero como primeiro nome do PTB carioca acompanhou a escalada nacionalista e reformista da agremiação na década de 1950. Para Maria Celina D'Araújo, o PTB, de forma geral, firmou-se como um partido controlado por pequenos grupos que davam liberdade de atuação parlamentar para seus correligionários desde que esses se ativessem às questões nacionais. Nesta perspectiva, Lutero Vargas era um dos nomes que controlavam o partido, juntamente com João Goulart, Leonel Brizola e Ivete Vargas.²⁰

Ainda segundo a autora, desde a fundação do PTB no Rio de Janeiro a principal bandeira do partido era o anticomunismo. Contudo, após a cassação do PCB e o fortalecimento da UDN, caracterizado como antigetulista, o “comunismo e udenismo foram as principais forças que mobilizaram a competição dentro do PTB carioca, uma seguindo a outra, e depois as duas em conjunto, a partir de fins da década de 50”.²¹ Em síntese, o Partido Trabalhista Brasileiro da Guanabara na eleição de 1962 era marcado pela luta nacionalista e antilacerdista.

Diante do cenário eleitoral os dirigentes do PTB guanabarinense perceberam a necessidade de convidar alguém de fora do estado com forte cacife político para tentar quebrar a supremacia udenista. A ideia era trazer algum governador petebista em final de mandato, situação em que se enquadrava Leonel Brizola. Inicialmente, o primeiro nome pensando tinha sido o governador do Ceará, José Parsifal Barroso; entretanto, o partido considerou que ele tinha assumido um comportamento pouco coerente com as diretrizes do PTB, com uma postura conservadora após chegar ao governo, fato que provocou seu descarte.²²

Talarico, segundo seu depoimento, propôs, então, o nome de Brizola e veio até o Rio Grande do Sul convidar o governador gaúcho, mas ele, como citado acima, estava comprometido com o PTB paranaense. O secretário insistiu e apresentou uma proposta de apoio à campanha de Leonel Brizola onde ele próprio abriria mão da sua candidatura a deputado federal e oferecia, também, o apoio de dez a quinze deputados estaduais petebistas em torno do nome do político rio-grandense e apoio de alguns candidatos de outros partidos, como o Partido Socialista Brasileiro (PSB), que viria coligar-se ao PTB nas eleições. Ao final,

²⁰ D'ARAÚJO, Maria Celina. *Sindicatos, carisma e poder: O PTB de 1945-65*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996, p. 74.

²¹ Idem, p. 62.

²² TALARICO, José Gomes. *José Gomes Talarico I (depoimento, 1978/1979)*. Rio de Janeiro, CPDOC, 1982. p. 112.

Brizola contou com o apoio de cerca de 25 deputados estaduais, apresentando uma campanha bem elaborada, ou nas palavras de Talarico: uma “candidatura praticamente concretizada”.²³

Sobre o financiamento da campanha eleitoral do governador gaúcho, que ainda não havia decidido por qual estado iria concorrer, o jornal *Correio da Manhã* fez denúncias sobre a origem do dinheiro que seria utilizado, numa clara tentativa de desqualificar e questionar as ações de Leonel Brizola à frente do executivo estadual do Rio Grande do Sul:

No meio de tôda (sic) a crise – chacinas, saques, ameaças ao regime – o Sr. Leonel Brizola manteve suficiente calma para não dormir no ponto e perder uma de suas últimas oportunidades à frente do governo gaúcho: arranjou 4,5 bilhões de cruzeiros para a campanha eleitoral de seu Estado. A história desse arranjo é triste: o govêrno (sic) federal fêz (sic) economias forçadas com a finalidade de deter o déficit orçamentário. O dinheiro economizado será gasto agora pelo sr. Brizola fartamente. Pretende êle eleger seu sucessor e tentar uma candidatura a deputado por qualquer Estado. Tem dinheiro para isso, muitos bancos à disposição. E tem suficiente audácia para se beneficiar de qualquer situação. E é esse homem quem prega revolução no país. E é esse homem que considera ilegal o regime. Quatro bilhões e meio não lhe bastam. Quer mais. Quer tudo. O mais grave é que encontrou alguém que lhe dá tudo. E continuará a dar mais até que a nação acâbe (sic) com a generosidade dos cunhados e peça contas a ambos de todo o vandalismo que estão semeando.²⁴

A nota destacou a associação entre os petebistas Jango e Brizola com o objetivo de demonstrar que essa cumplicidade era nociva ao país. Nesses primeiros dias de julho, um indício da relevância nacional que Brizola vinha adquirindo foi sua colocação na intenção de votos do eleitorado entre possíveis candidatos à presidência da República numa pesquisa realizada em São Paulo e divulgada pelo *Jornal do Brasil*²⁵, embora tivesse obtido baixa porcentagem dos votos.²⁶

Dias depois, é divulgada nova pesquisa, pelo mesmo jornal, realizada com eleitores cariocas que, em sua maioria, preferiam o presidencialismo. Enquanto isso, numa pesquisa para a eleição presidencial em uma lista de “cinco políticos de prestígio nacional o governador Leonel Brizola reuniu maior preferência popular”.²⁷ Superou Juscelino Kubistchek – que liderara as pesquisas nos últimos quatro meses - Carlos Lacerda, Jânio

²³ Idem, p. 113.

²⁴ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 11 de julho de 1962, p. 6.

²⁵ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 1º de julho de 1962, p. 69.

²⁶ A notícia informa que a pesquisa foi realizada na capital paulista e na região do ABC. Nos dois casos Brizola, juntamente com Carlos Lacerda, não atingiu 5% das intenções de votos.

²⁷ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 15 e 16 de julho de 1962, p. 1.

Quadros e Carvalho Pinto.²⁸ Na reportagem há foto de Brizola com a seguinte legenda: “O Sr. Leonel Brizola é hoje, durante a segunda crise política em menos de um ano, o líder popular do maior número de cariocas”.²⁹

No que se refere à projeção nacional de Leonel Brizola, embora se argumente que ele teria decidido concorrer pela Guanabara para ganhar maior destaque nacional e, futuramente, concorrer à eleição presidencial, José Talarico defende outra hipótese: “ele (Leonel Brizola) já estava projetado, desde a hora em que assumiu a liderança do movimento pela posse do Jango, ele tinha se tornado a grande figura do PTB”.³⁰ Marly Motta (2004), quando analisa o sucesso da votação de Brizola também afirma que o candidato vindo de fora do estado já possuía expressão no quadro político nacional. Todavia, não deve ser menosprezado o fato de a Guanabara ser, em grande parte, ressonância da política brasileira. Por mais que tenha perdido destaque com a mudança da capital federal, suas decisões políticas ainda repercutiam em todo o país. Brizola estar situado naquela região o fortalecia politicamente.

Sobre a motivação de Leonel Brizola concorrer pela Guanabara, Motta defende que isso se devia ao intuito pessoal de medir forças com Carlos Lacerda - considerado o maior opositor das chamadas forças progressistas e nacionalistas. Os embates entre eles ocorriam desde quando ambos estavam na Câmara dos Deputados, em 1955, Brizola pelo Rio Grande do Sul e Lacerda pelo Distrito Federal. Acreditamos que a escolha feita pelo governador rio-grandense de concorrer pela Guanabara foi tomada diante de todas as circunstâncias apresentadas acima, pois uma decisão política de tal importância é avaliada por vários aspectos e decidida em consonância com o partido e o político.

Finalmente, após negociações já apresentadas anteriormente, Leonel de Moura Brizola se apresentou como candidato a deputado federal pela Guanabara, afirmando que a decisão de concorrer ao Congresso foi dos seus correligionários de partido. Em entrevista disse que:

(...) as eleições de sete de outubro poderão constituir a chave de uma solução pacífica para a crise atual se ensejarem ampla renovação do Congresso, porque os

²⁸ Brizola obteve 27% das intenções de votos, enquanto Kubistchek teve 22%. Carlos Lacerda apresentou um índice de 20%. Carvalho Pinto 19% e por fim, Jânio Quadros com 7%. Indecisos: 5%. Fonte: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 15 e 16 de julho de 1962, p. 59.

²⁹ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 15 e 16 de julho de 1962, p. 59.

³⁰ TALARICO, José Gomes. *José Gomes Talarico I (depoimento, 1978/1979)*. Rio de Janeiro, CPDOC, 1982, p. 115.

problemas do país só deixarão de existir quando se realizarem as reformas de sua estrutura interna e forem eliminados os efeitos do processo espoliativo.³¹

Embora a convenção do PTB para decidir os candidatos que concorreriam ao pleito de outubro só ocorresse no dia 2 de agosto³², as negociações sobre a candidatura de Brizola já estavam definidas, o que enseja o fato de tratar-se de “carro-chefe” da campanha eleitoral do Partido Trabalhista Brasileiro no estado da Guanabara.

A Campanha Eleitoral

O pleito eleitoral na Guanabara em 1962 ficou centrado na disputa entre o PTB, que apresentou uma estratégia mais audaciosa com a incorporação de Leonel Brizola, e a UDN, encabeçada por Carlos Lacerda que pretendia concorrer à presidência em 1965 e que por esse motivo partiu para uma manobra política de diálogo, contrariando sua postura de pouca afeição a negociações. Novamente o cenário político carioca se desenhava para os tradicionais componentes: nacionalização, polarização e a personalização.³³ Para Versiani (2007) essa disputa se desenrolava pela rivalidade entre as correntes políticas comprometidas com o Governo Jango e as de oposição. As correntes estavam divididas entre os identificados com as forças de apoio ao trabalhismo e as Reformas de Base, que tinham como símbolo Brizola e os correligionários das forças liberais e de oposição aos herdeiros políticos de Getúlio Vargas, que encontravam no governador da Guanabara, Carlos Lacerda, seu representante.³⁴

Segundo Lopes (2013), uma das estratégias de campanha de Leonel Brizola foi a realização de comícios, embora em menor quantidade. Alguns deles ocorreram antes mesmo da oficialização da sua candidatura. Os comícios de maior destaque foram os realizados dias 7 de setembro no Largo do Machado, zona sul da Guanabara, e o do dia 5 de outubro, em Bangu, zona oeste. Para o autor:

Os comícios foram um grande instrumento da AST [Aliança Socialista Trabalhista] na promoção da candidatura de Brizola, pois, mesmo impossibilitado de ir à Guanabara fazer campanha, os candidatos da coligação falavam em seu nome e a ele sempre faziam referências. Além disso, os jornais conservadores faziam questão de

³¹ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 19 de julho de 1962, p. 4.

³² *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 25 de julho de 1962, p. 10.

³³ MOTTA, Marly Silva da. *Rio de Janeiro: de cidade-capital a Estado da Guanabara*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001, p. 190.

³⁴ VERSIANI, Maria Helena. *Padrões e práticas na política carioca: os deputados federais eleitos pela Guanabara em 1962 e 1970*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007, p. 70.

sempre manter o nome de Brizola de forma negativa nos noticiários, o que acabou gerando efeito contrário.³⁵

Em linhas gerais, a plataforma de campanha de Brizola se pautava por questões nacionais como as Reformas de Base, a realização do plebiscito para a confirmação do parlamentarismo ou a escolha pelo presidencialismo³⁶ e a aprovação da Lei de Remessa de Lucros, que controlaria o envio excessivo de altas quantias para o exterior. A realização do plebiscito foi ponto recorrente durante a campanha eleitoral de Leonel Brizola: objetivava pressionar o Congresso Nacional a realizar a votação do plebiscito no mesmo dia do pleito eleitoral, por vezes de forma muito radical, o que deixava a imprensa conservadora mais preocupada.

Ao longo do ano de 1962 o nome de Leonel de Moura Brizola foi repetidamente comentado nas páginas dos jornais cariocas *Jornal do Brasil* e *Correio da Manhã*: seja por sua função à frente do governo rio-grandense, quando nesse ano desapropriou terras para a uma incipiente reforma agrária; por suas atitudes de relevo nacional, como na influência da escolha de Francisco Brochado da Rocha como primeiro ministro³⁷; pela pressão que exerceu para realização do plebiscito para a escolha do novo regime governamental³⁸ e por fim, pela sua campanha a deputado federal pela Guanabara.

Durante a campanha eleitoral de Leonel Brizola, a pressão realizada sobre o Congresso para aprovar a realização do plebiscito no mesmo dia do pleito eleitoral foi constante e recebeu destaque da imprensa, um exemplo é o destaque do pronunciamento de Brizola realizado em 1º de setembro que mereceu chamada de capa no *Jornal do Brasil* com o seguinte título: “*Brizola prega plebiscito em outubro ou a subversão*”, segundo o jornal esse pronunciamento foi transmitido pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Na edição do *Correio da Manhã* a chamada referente ao pronunciamento foi mais enfática: “*Brizola prega a violência e diz que o Congresso deveria estar fechado*”³⁹, segundo o jornal, o candidato a deputado federal convocou as forças armadas a lutar contra aqueles que não desejam a volta do presidencialismo, apresentando um discurso radical.

³⁵ LOPES, Guilherme Esteves Galvão. *As eleições de 1962 na Guanabara: a consolidação de Brizola no cenário político nacional*. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso História) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 2013, p. 42.

³⁶ Brizola queria a volta do presidencialismo, pois a creditava que a solução parlamentarista adotada em 1961 tratava-se de um “golpe branco”.

³⁷ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 1º de julho de 1962, p. 3.

³⁸ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 07 de julho de 1962, p. 3.

³⁹ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 02 de setembro de 1963, p. 18.

Neste mesmo pronunciamento Brizola fez críticas a Carlos Lacerda alegando que o governador da Guanabara pregava abertamente a guerra civil e criticou o embaixador americano, Lincoln Gordon. Além disso, ele convocou os trabalhadores a fazerem greve geral caso tivesse golpe.⁴⁰ Cabe aqui destacar que a expressão golpe era frequentemente utilizada tanto pela mídia quanto pelo próprio Leonel Brizola, com a diferença do viés político do “golpe”: a imprensa conservadora noticiava a possibilidade de um golpe tanto da direita, quanto da esquerda; por outro lado, Brizola afirmava o risco de um golpe da direita.

Após a repercussão negativa de suas declarações o chefe do executivo gaúcho alegou que suas palavras foram deturpadas e acusou a grande mídia de querer prejudicá-lo. Disse que nunca tinha preconizado golpes e que lutava por uma causa justa e democrática que era a realização do plebiscito para o dia 7 de outubro para solucionar a grave crise institucional que o país enfrentava desde o golpe branco de 1961.⁴¹ Alegou que seu pronunciamento não era subversivo, que subversivos eram aqueles que procuravam sustentar e manter aquela ordem que, para ele, era fruto de um golpe. Aqui temos um indício característico do governador gaúcho de enfrentamento com a mídia que percorreu toda sua trajetória política.

Outro fato de destaque era o grau de parentesco entre o governador gaúcho e o presidente da República que por várias vezes foi motivo de críticas por parte dos opositores que, em algumas situações, tentaram impugnar a candidatura de Brizola. É desse período a famosa frase “cunhado não é parente, Brizola presidente”.⁴²

O candidato sul-riograndense correspondeu às expectativas do seu partido no que tangia sobre a dualidade de força com Carlos Lacerda. Brizola por várias vezes acusou Lacerda de interferir na campanha da Guanabara, apoiando seus correligionários, com

⁴⁰ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 02 e 03 de setembro de 1962, p. 3.

⁴¹ *Última Hora*. Porto Alegre, 11 de setembro, p.4.

⁴² O advogado Vitor do Espírito Santo entrou com um requerimento no Tribunal Regional Eleitoral impugnando a candidatura de Leonel Brizola, segundo o *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 27 de julho de 1962, p. 3. O mesmo advogado, em 25 de setembro, entrou novamente com pedido no Tribunal Superior Eleitoral, mesmo o TRE já tendo registrado a candidatura. O também advogado Luiz Mendes de Moraes Neto (candidato a deputado federal pelo PDC) entrou com pedido de impugnação alegando o parentesco de Brizola com o presidente João Goulart. No pedido ele afirma: “antes de tudo o Sr. Leonel Brizola, protegido pelo seu cunhado, presidente João Goulart, é uma ameaça ao regime e inimigo declarado das instituições”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1962, p. 14. Esses dois últimos pedidos de impugnação também foram divulgados em Porto Alegre: “Impugnada a candidatura Brizola na Guanabara”, *Correio do Povo*. Porto Alegre, 28 de agosto de 1962, p. 7. Outro pedido veio do ex-interventor do Rio de Janeiro, na época de Getúlio Vargas, o Sr. Asdrubal Geyer quem deu entrada a um pedido de impugnação à candidatura de Leonel Brizola. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 29 de agosto de 1962, p. 3. Também divulgado no *Correio do Povo*, Porto Alegre, 30 de agosto de 1962, p. 14. Em setembro ocorreram novos pedidos de impugnação com a justificativa que Leonel Brizola era comunista. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1962, p. 4. Esses casos também foram noticiados no *Correio da Manhã*.

recursos do estado e pronunciamentos, subindo em palanques, por exemplo. O candidato apresentou representação contra Lacerda no Tribunal Regional Eleitoral (TRE) sob a alegação de que a conduta do governador guanabarinense interferia na campanha, viciando o processo eleitoral.⁴³

Ao longo de sua campanha, Leonel Brizola fez denúncias de que poderes econômicos estariam influenciando a campanha dos candidatos. A partir dessa denúncia o Ministro da Justiça anunciou que iria divulgar os valores investidos nas campanhas eleitorais.⁴⁴ Na contramão da informação, o deputado estadual da Guanabara, Amaral Neto, denunciou que Brizola roubou dinheiro do Rio Grande do Sul para financiar sua campanha.⁴⁵ Entretanto, o governador gaúcho continuou com as acusações em seu pronunciamento pela rádio, ocorrido no dia 2 de setembro, também divulgado pelo jornal *Correio da Manhã*. Na mesma publicação, a coluna *Mundo Político*, criticou Brizola por esquecer-se de comentar sobre os gastos da campanha do PTB e da sua própria campanha que, segundo o periódico, era bem cara.⁴⁶

Essas denúncias de influência econômica na campanha não eram infundadas. Em trabalho clássico sobre o golpe de 1964, René Dreifuss (1981) constatou o investimento de recursos nas campanhas de políticos identificados com a ideologia liberal por parte do complexo IPES/IBAD. O Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD) era uma organização que reunia a elite empresarial nacional e também internacional, criada em 1959. O Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES), criado em 1962, também reunia empresários, inicialmente do Rio de Janeiro e São Paulo, mas logo em seguida agregou as classes produtoras de outros estados. O autor referido informou que foi justamente durante a campanha para as eleições de 1962 que o complexo influenciou mais incisivamente, especialmente com recursos financeiros, sendo que a maior parte deles advinha de empresários e do governo norte americano.

Verificou-se que o método de comunicação mais utilizado pelo petebista foi o rádio, especialmente a Mayrink Veiga⁴⁷, de onde se pronunciava com muita frequência. Seus

⁴³ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 20 de setembro de 1962, p. 4 e *Correio do Povo*. Porto Alegre, 19 de setembro de 1962, p. 16.

⁴⁴ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1962, p. 6.

⁴⁵ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 31 de agosto de 1962, p. 7.

⁴⁶ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 02 de setembro de 1962, p. 6.

⁴⁷ Fundada no Rio de Janeiro em 1926 e fechada em 1965 pela ditadura civil-militar, justamente por ter participado da Cadeia da Legalidade em 1961. Foi líder de audiência na década de 1930 e reduto de grandes

pronunciamentos nessa rádio eram constantes e constituía uma prática recorrente em sua trajetória política desde seu governo no Rio Grande do Sul e que permaneceu ao longo da sua campanha para a Guanabara e durante seu mandato como parlamentar. O uso do rádio lhe possibilitava um alcance maior entre as classes populares, que era a maioria do seu eleitorado⁴⁸, pois nem todos sabiam ler. Além do fato de Brizola utilizar melhor sua capacidade de oratória e seu carisma que ficavam mais evidentes nos pronunciamentos orais.

Ao final de setembro foi publicado “santinho” de campanha de Brizola, com a divulgação do seu número para votação: 512.⁴⁹ Também se realizou convite ao povo carioca para visitar uma exposição sobre as realizações de Leonel à frente do governo gaúcho na busca de fazer propaganda política para o candidato.⁵⁰ Foram feitos convites para pronunciamentos de Leonel Brizola na rádio Mayrink Veiga, que transmitiria da Praça da Taquara, na Guanabara, o comício da vitória.⁵¹

No período que antecedeu as eleições, João Goulart procurou restabelecer a aliança PTB-PSD, mesmo enfrentando a ala mais radical do seu partido. Em reportagem sobre o assunto, o *Correio da Manhã* enfatiza a negativa de Brizola em retomar o acordo. Afirmaram que o presidente iria continuar nas negociações mesmo que para isso “tenha que enfrentar a obstinada oposição do seu cunhado Leonel Brizola”.⁵²

Ao aproximar-se o período das eleições, o comitê de Leonel Brizola divulgou nota nos jornais analisados fazendo um alerta:

O Comitê Central da candidatura Leonel Brizola, 512, alerta o povo da Guanabara que tem informação segura de que está preparada uma onda de boatos, intrigas e difamação contra o nosso candidato. Pensam eles (sic) que com essas atitudes

nomes do rádio, como Carmem Miranda e Noel Rosa. A rua onde a rádio foi instalada recebeu o nome de Mayrink Veiga. Foi ao lado da Rádio Nacional uma das duas mais importantes emissoras do período que ficaria conhecido como a "Era do Rádio".

⁴⁸ Uma evidência dessa afirmação são os dados de uma pesquisa realizada pelo *Jornal do Brasil* para intenção de votos à presidência da República no pleito eleitoral de 1965. A publicação em questão apresentou, hipoteticamente, os candidatos, eram eles: Leonel Brizola, Juscelino Kubistchek, Carlos Lacerda, Jânio Quadros e Carvalho Pinto. Nesta pesquisa, Leonel Brizola obteve os melhores resultados entre os pobres: “embora com ínfima penetração na classe rica (4%), o governador do Rio Grande do Sul elimina essa desvantagem com os votos da classe pobre, na qual obtém sozinho quase tanto (37%) quanto os Srs. Juscelino Kubistchek (23%) e Carlos Lacerda (16%) reunidos”. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 15 e 16 de julho de 1962, p. 59.

⁴⁹ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1962, p. 3.

⁵⁰ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1962, p. 15 e *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1962, p. 10. Até o momento não temos informações mais detalhadas sobre esta exposição. Pretendemos completá-la durante a pesquisa.

⁵¹ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 02 de outubro de 1962, p. 12.

⁵² *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 03 de outubro de 1962, p. 7.

indignas poderão prejudicar a candidatura vitoriosa de Leonel Brizola junto aos eleitores da Guanabara.⁵³

Em mais outra situação a imprensa mantém sua campanha negativa contra Leonel Brizola ao chamá-lo de mentiroso na reportagem intitulada “*A última mentira*”:

(...) o Sr. Leonel Brizola, encerrando a sua campanha, revelou a chapa em que iria votar aqui no Rio. Seus candidatos para senador, vice-governador, deputado federal e deputado estadual, seriam é claro, os seus correligionários de partido e de ‘ideias’. Acontece, entretanto, que o governador do RS não é eleitor da Guanabara. Vai votar no seu estado, onde teve receio de candidatar-se. Encerrou, assim, com uma mentira, a série de conceitos falsos e de ataques sem fundamento, que vinham pregando aos que ainda acreditam nas suas fanfarronas demagógicas.⁵⁴

No dia da eleição foi apresentada denúncia envolvendo o nome de Brizola. O *Correio da Manhã* afirmou que o diretor regional da Empresa Correios e Telégrafos da Guanabara, Dalmo Macedo Gaspar, enviou carta a todos os funcionários da repartição indicando candidatos para votarem, entre eles, Leonel Brizola⁵⁵. Ainda neste dia, o *Jornal do Brasil* em uma análise sobre as eleições, afirmou que a disputa na Guanabara seria entre PTB e UDN. Afirmou, também, que Leonel Brizola seria o mais votado no seu partido⁵⁶. Durante reportagem sobre os novos governadores o jornal considerava que o governador gaúcho “deixa o governo com amplo prestígio no plano nacional, em consequência da sua atitude durante os acontecimentos de agosto-setembro (sic) de 61”.⁵⁷

A vitória

A partir do dia 9 de outubro já começavam as primeiras prévias das eleições apontando Brizola como um dos mais votados.⁵⁸ Durante a apuração ocorreram fatos curiosos: alguns eleitores trocaram o nome de Leonel por Manoel na hora de escrever na cédula, no entanto, os presidentes das juntas apuradoras consideraram o voto, pois foi colocado o número de Brizola, 512. Essa troca de nomes pode sugerir que, embora Leonel Brizola fosse conhecido nacionalmente, o fato de ele estar participando pela primeira vez de

⁵³ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 06 de outubro de 1962, p. 4 e *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 06 de outubro 1962, p. 3. O anúncio também foi divulgado no dia das eleições, 07 de outubro, pelos dois jornais.

⁵⁴ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 06 de outubro 1962, p. 6.

⁵⁵ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 07 de outubro 1962, p. 2.

⁵⁶ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 07 de outubro de 1962, p. 4.

⁵⁷ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 07 de outubro de 1962, p. 5.

⁵⁸ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 09 de outubro de 1962, p. 1.

um pleito eleitoral na Guanabara o tornava, em algumas situações, menos próximo dos eleitores. Outro fato inusitado deveu-se a uma confusão gerada pelo próprio partido durante a campanha: o PTB veiculou anúncios pedindo o voto para Brizola e Badger da Silveira, candidato do partido no estado do Rio de Janeiro, gerando dúvidas nos eleitores. Ao final das eleições, Brizola recebeu cerca de 60 mil votos no estado do Rio, que tiveram de ser anulados.⁵⁹ No dia 11 do mesmo mês, Leonel Brizola, segundo estatísticas, já era considerado eleito.⁶⁰

Numa análise sobre as eleições, o *Jornal do Brasil*, no “Caderno Especial”, afirmou que havia contradições na esquerda, pois estados que apresentavam tendências esquerdistas, como Pernambuco e Rio Grande do Sul, tiveram resultados ruins nas eleições. Para o jornal o sucesso da esquerda esteve mais evidente na Guanabara:

(...) a abertura para a esquerda ficou restrita à votação dada pelos cariocas ao Sr. Leonel Brizola. Não há como negar o matiz esquerdista de sua consagração eleitoral, que por enquanto está servindo de biombo para a derrota no RS, mas não conseguirá escondê-la completamente, depois que todos os resultados estiverem computados. A força (sic) revelada pelo Sr. Brizola no Rio foi de tal ordem que canalizou até os votos comunistas ortodoxos, destinados ao Sr. Marco Antônio Coelho, que representa a nova geração de dirigentes comunistas brasileiros.⁶¹

A eleição no Rio Grande do Sul também ganhou destaque no *Correio da Manhã*, que trouxe notícia sobre a derrota do PTB, na figura de Brizola, no estado.⁶² Ao final do mês, evidenciamos mais uma tentativa de desqualificar o recém-eleito deputado federal: em reportagem intitulada “*não vai perder tempo na Câmara*” o jornal afirmou que Leonel Brizola, a partir de seu pronunciamento no rádio, deixou entrever que tem pouco interesse pela Câmara, disse que o povo não o elegeu para que ele gaste o tempo falando “V. Exa. pra lá, V. Exa. pra cá”. O jornal disse também, que o gaúcho nunca foi muito do diálogo, mas sim do monólogo e que não tem condições para o debate com alguns deputados - a nota é da

⁵⁹ LOPES, Guilherme Esteves Galvão. *As eleições de 1962 na Guanabara: a consolidação de Brizola no cenário político nacional*. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso História) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 2013, p. 36.

⁶⁰ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 11 de outubro 1962, p. 14.

⁶¹ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1962, p. 65.

⁶² *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 16 de outubro 1962, p. 16.

sucursal de Porto Alegre.⁶³ Fato é que durante o ano de 1963, realmente, Leonel de Moura Brizola, pouco compareceu às sessões na Câmara Federal.

Num panorama acerca da situação do PTB na Guanabara, pode-se afirmar que foi justamente com a eleição e a vinda de Leonel Brizola para o estado que o partido começou a adquirir certa autonomia. O partido saiu forte das eleições: teve grande vitória para a Câmara dos Deputados com a votação recorde de Brizola (269.383 votos ou 26,4%) - o deputado mais votado do país – e a eleição de poucas cadeiras para a UDN. Lopes (2013) nos apresenta alguns dados que nos elucidam sobre o contingente eleitoral de Leonel Brizola:

Ele (Brizola) teve mais da metade de todos os votos da coligação do PTB com o PSB, e com um quociente eleitoral de 46.129 votos, levou consigo oito candidatos da AST. Dentre eles, Breno da Silveira, o único do PSB, eleito com 8.801 votos, e Benedito Cerqueira, o eleito menos votado da coligação, com 3.527 votos. Em termos de comparação, Hamilton de Lacerda, o último da lista da UDN, foi eleito com 7.334 votos. Para ter noção da votação expressiva de Brizola, é como se pouco mais de ¼ dos cariocas tivessem votado nele. O segundo deputado mais votado foi o udenista Amaral Neto, com 123.383 votos, com menos da metade dos votos de Brizola.⁶⁴

Sobre a expressiva votação de Brizola, José Talarico, secretário da comissão executiva do PTB, afirmou que passou por situações constrangedoras dentro do partido, pois algumas lideranças estaduais do PTB na Guanabara ficaram desconfortáveis ao obterem votação bem menor do que Brizola, oriundo de outro estado. Para Talarico, a votação recorde de Leonel deveu-se às bandeiras levantadas pelo candidato, que iam muito além das fronteiras estaduais, mas que visavam medidas de âmbito federal:

Estava em pauta no Congresso, por exemplo, a Lei de Remessa de Lucros, estava em pauta a reforma agrária (...) e ele enfocou, dentro dos princípios que defendia, dentro de princípios nacionalistas, a usurpação das empresas estrangeiras no Brasil, a exploração que o Brasil sofria. Aquelas suas palestras na Mayrink Veiga a respeito desses aspectos todos, tudo isso motivou muito o eleitorado.⁶⁵

⁶³ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 28 de outubro 1962, p. 20.

⁶⁴ LOPES, Guilherme Esteves Galvão. *As eleições de 1962 na Guanabara: a consolidação de Brizola no cenário político nacional*. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso História) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 2013, p, 44.

⁶⁵ TALARICO, José Gomes. José Gomes Talarico I (depoimento, 1978/1979). Rio de Janeiro, CPDOC, 1982. p. 114.

O quadro eleitoral na Câmara dos Deputados do estado da Guanabara ficou assim: dez deputados do PTB, seis da UDN, dois do PSD, um do PSB, um do Partido Democrata Cristão (PDC) e um do Partido Social Trabalhista (PST).⁶⁶

Sobre a configuração da bancada federal guanabarina, Motta (2001) analisa:

Dos 21 deputados eleitos, apenas sete não tinham um mandato anterior na cidade. Em termos gerais, pode-se identificar uma dupla origem da votação desses novatos na vida parlamentar carioca: a expressão que possuíam no quadro político nacional, como Brizola, ou a conquista do eleitorado de esquerda, como o deputado Marco Antônio, da Frente Popular, que recebeu apoio explícito do líder comunista Luiz Carlos Prestes. Já em relação aos outros 14 deputados, pode-se observar que tinham, em comum uma sólida carreira política anterior, a maior parte deles com atuação no antigo Distrito Federal.⁶⁷

No Senado, Juracy Magalhães (UDN) ficou apenas com o terceiro lugar, perdendo para Aurélio Viana, da coligação Aliança Socialista Trabalhista, sendo o mais votado, e para Gilberto Marinho (PSD), que foi reeleito. No âmbito estadual, o vice-governador escolhido foi o petebista Eloy Dutra (47%), que derrotou o pessedista Lopo Coelho (39%), o candidato de Lacerda; o terceiro candidato, Mário Martins (PL), fez 4% dos votos⁶⁸. No legislativo estadual, onde o partido de Brizola apresentava maus resultados, também obteve vitória: José Talarico candidatou-se a deputado estadual para fortalecer a legenda e, com o apoio do PSB, que conquistou três cadeiras, conseguiram maioria na Assembleia Legislativa, dificultando a administração lacerdista. Embora a UDN tivesse elegido 14 deputados contra 13 do PTB, a oposição a Lacerda estava mais organizada. O legislativo da Guanabara em 1962 ficou marcado pela fragmentação partidária, pois abrigava 11 partidos.

Conclusão

Enfim, a partir das análises apresentadas podemos observar que o veículo utilizado, prioritariamente, por Leonel Brizola para apresentar suas propostas não foram os jornais, pois encontramos poucas notas publicadas a pedido do candidato ou do seu comitê. O que verificamos foi a cobertura por parte dos periódicos sobre os atos de campanha de Brizola que, na verdade, pronunciava-se mais sobre assuntos de interesse nacional do que

⁶⁶ VERSIANI, Maria Helena. *Padrões e práticas na política carioca: os deputados federais eleitos pela Guanabara em 1962 e 1970*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007, p. 76.

⁶⁷ MOTTA, Marly Silva da. *Rio de Janeiro: de cidade-capital a Estado da Guanabara*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001, p. 193.

⁶⁸ MOTTA, Marly Silva da; FREIRE, Américo; SARMENTO, Carlos Eduardo. *A política carioca em quatro tempos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 160.

exclusivamente estadual. Assim, é possível concluir que a campanha, e o consequente mandato, visavam consolidar a projeção nacional do governador sul-riograndense e de fato a campanha também ganhou a tônica do discurso nacionalista de Leonel Brizola em contraposição a Carlos Lacerda e a UDN. Observamos também, que sua campanha eleitoral se mostrou bem estruturada, com uma base forte de apoio, fruto do sucesso da aliança com o Partido Socialista Brasileiro (PSB).

Como se utilizou exclusivamente jornais como fontes, ainda que tivesse havido uma busca com o intuito de diversificá-las e contrapô-las, a análise dos jornais foi pertinente para compreender o papel que a imprensa teve no período imediatamente anterior ao golpe de 1964. Ficou evidente que os jornais utilizados na pesquisa, a exceção da *Última Hora*, não eram apoiadores de Brizola e, dessa forma, suas publicações eram tendenciosas, sempre privilegiando as críticas ao candidato e ressaltando seu discurso radical, que amedrontava as classes conservadoras. Entretanto, perceber essa falta de imparcialidade nos jornais estudados não pode nos levar a afirmar que eles “manipulavam as massas” sem essas questionarem o que estavam lendo. Claro que a imprensa exerce influência nas decisões dos leitores, mas não é o único fator determinante na escolha de um candidato. Um exemplo claro foi o fato de que mesmo com a imprensa guanabarina tecendo duras críticas a Leonel Brizola, sua votação foi a maior da época, com a ressalva de que o público leitor do *Jornal do Brasil* e *Correio da Manhã* não eram os principais eleitores de Brizola.

Referências Bibliográficas

Referência de Livros:

D'ARAÚJO, Maria Celina. *Sindicatos, carisma e poder: O PTB de 1945-65*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *PTB: do getulismo ao reformismo (1945-1964)*. São Paulo: Marco Zero, 1989.

DREIFUSS, René Armand. *1964: A conquista do Estado*. 3 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1981.

LOPES, Guilherme Esteves Galvão. As eleições de 1962 na Guanabara: a consolidação de Brizola no cenário político nacional. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso História) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 2013.

MIRANDA, Samir Perrone. *Projeto de desenvolvimento e encampações no discurso do governo Leonel Brizola: Rio Grande do Sul (1959-1963)*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MOTTA, Marly Silva da. *Rio de Janeiro: de cidade-capital a Estado da Guanabara*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

MOTTA, Marly Silva da, FREIRE, Américo, SARMENTO, Carlos Eduardo. *A política carioca em quatro tempos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

SARMENTO, Carlos Eduardo. *O espelho partido da metrópole: Chagas Freitas e o campo político carioca (1950-1983): liderança, voto e estruturas clientelistas*. Rio de Janeiro: Folha Seca: FAPERJ, 2008.

TALARICO, José Gomes. *José Gomes Talarico I (depoimento, 1978/1979)*. Rio de Janeiro, CPDOC, 1982.

VERSIANI, Maria Helena. *Padrões e práticas na política carioca: os deputados federais eleitos pela Guanabara em 1962 e 1970*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

Referência de capítulos de Livros:

FERREIRA, Jorge. O governo João Goulart e o golpe civil-militar de 1964 In: _____, DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs.). *O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. (O Brasil Republicano; v.3).

FERREIRA, Marieta de Moraes. Do Rio Grande do Sul à Guanabara In: _____ (Org). *A força do povo: Brizola e o Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Alerj, CPDOC/FGV, 2008.

MOTTA, Marly Silva da. Guanabara, o estado-capital In: FERREIRA, Marieta (coord.). *Rio de Janeiro: uma cidade na história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

Referência de artigo em periódico:

HARRES, Marluza Marques. Rio Grande do Sul: governo Leonel Brizola e a questão agrária no início da década de 1960. In: *Anos 90: Revista de Programa de Pós-Graduação em História/UFRGS, IFCH*. Porto Alegre, v. 18, n. 33, p. 99-127, jul. 2011.